



## **A Internet reconfigurando o sexo caseiro: o pornô *homemade* e a co-autoria na plataforma [WWW.cams2free.com](http://WWW.cams2free.com)<sup>1</sup>**

Niara Oiara da Silva AURELIANO<sup>2</sup>

Ronaldo BISPO<sup>3</sup>

Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

### **RESUMO**

Este artigo propõe analisar a plataforma [cams2free.com](http://cams2free.com), site que disponibiliza câmeras de exibicionistas de todo o mundo, em tempo real, em que homens e mulheres, de todas as orientações – heterossexuais, homossexuais, bissexuais – e gêneros (cissexuais<sup>4</sup> ou transexuais) mantêm relações sexuais ao vivo. Descreve-se também o desenvolvimento da pornografia na web, o consumo da pornografia heteronormativa, os processos de criação em coautoria e o fenômeno da indústria pornográfica na visão comunicacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** pornografia; [cams2free](http://cams2free.com); coautoria; consumo cultural interativo.

É difícil imaginar o sexo como um tipo de atividade que possa ser construído não-presencialmente. Tomemos aqui por sexo a interação entre duas ou mais pessoas, estejam elas próximas presencialmente ou virtualmente. Não levemos em conta a masturbação por si só, que não seja acompanhada presencialmente ou virtualmente, esteja ou não sendo usados brinquedos eróticos. Até com a pornografia *mainstream*, esteja ela disponibilizada na internet, no velho VHS ou sendo assistida em DVD, o sexo é produzido, encenado, parado, continuado. Mais que isso: o sexo pornográfico atinge o consumidor de forma brutal; porém, não como um todo, com o sentido negativo da palavra. Antes de caracterizar o pornô como bom ou ruim, deve-se estudá-lo e analisá-lo e, assim, entendê-lo. Entendê-lo além dos estudos sociológicos: deve-se entendê-lo também a partir do desenvolvimento dos meios de produção, distribuição e consumo de conteúdo cultural.

Na “História da Sexualidade”, Foucault (1980) já colocava em discurso que o sexo para o homem na sociedade moderna também era uma forma de constituir-lo como sujeito, uma maneira de contribuir na formação de sua identidade. Assim, sabendo que em cada sociedade o sexo desenvolveu-se de uma forma diferente – enquanto em Roma, de cultura pagã, havia bacanais, para os hebreus, de cultura judaica, o sexo antes do casamento era punido com morte (para as mulheres, no caso) –, deve-se entender como

1. Trabalho apresentado no IJ05 Rádio, TV e Internet, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
2. Estudante de graduação. 5º semestre de Comunicação Social, com habilitação em jornalismo – COS – Ufal; e-mail: niaraaureliano@hotmail.com
3. Orientador do trabalho. Professor Doutor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Alagoas, coordenador do grupo de pesquisa em Estéticas da Comunicação (CNPq), email: [jjabutre@yahoo.com.br](mailto:jjabutre@yahoo.com.br)
4. Cissexualidade: Termo utilizado para identificar pessoas que não são transexuais e que sempre se identificaram o seu sexo psicológico com o seu sexo biológico. Fonte: [pt.wikipedia.org/wiki/Cissexual](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cissexual)



ele se deu na sociedade ocidental: o sexo se tornou sinônimo de pecado; contra o qual se deve lutar de todas as formas, pois este traz a desgraça (principalmente às mulheres). É este o sexo que a sociedade burguesa unida à moral judaico-cristã construiu e instalou na sociedade. Segundo Carlos Roberto Winckler (1983, p.30)

A burguesia realizou até o final do século XIX um reforço sistemático para protelar a satisfação sexual. O sexo podia estar dissociado de sentimentos de ternura, o ato sexual com conotações de sensualidade era mal visto. O casamento na forma de um contrato unia o casal para sempre, além de estar vinculado a interesses econômicos [...].

Então como sinônimo de culpa, o sexo passou a vender. Mesmo sendo considerado como proibido moralmente (o que nunca inibiu que bordeis, tavernas, “casas de prazeres”, etc., existissem), o sexo passou a ser usado então como produto para ser consumido em larga escala: também digitalmente, tecnologicamente. Em uma sociedade burguesa, como esse sexo se dá também precisa ser estudado e olhado por outra perspectiva. Como as pessoas transam?

Se a sexualidade é inerente ao homem e se os desejos expostos por nós de forma tímida, mas residentes em nós acentuam-se a cada dia buscando uma liberdade da consciência sexual, é necessário que se analise o sexo enquanto um assunto a ser estudado como qualquer outro. Para isto é necessário que se pense que, apesar do sexo se fazer presente em todas as culturas, este se dá de formas diferenciadas suscitando o questionamento acerca de concepções sobre o que é ou não correto. (SILVEIRA e CORRÊA, 2013, p. 2)

Não mais o corpo da mulher em si, mas a sua representação foi usada no contexto erótico e também pornográfico: na pintura e na escultura, posteriormente na fotografia e, então, no cinema. Claro que também na literatura, o que não será levado em consideração neste artigo já que buscamos entender a pornografia a partir da linguagem audiovisual. Diferencia-se aqui “erotismo” de “pornografia”, como o primeiro sendo um ato que insinua, é tido como sensual, o usado nas artes, por exemplo; a pornografia seria um ato obsceno, considerado esdrúxulo e escancarado, não com intenção de insinuar, mas explicitar.

Como para outros produtos artístico-midiáticos (televisão, cinema, *games*, fotografia, etc.), a internet reconfigurou a pornografia. O primeiro filme pornográfico foi gravado em 1895, no mesmo ano da explosão do cinema, o que scandalizou a população da época. Na primeira metade do século XX, o pornô, ainda produzido em preto e branco e não reconhecido como gênero cinematográfico (até hoje), manteve seu caráter ilegal, censurado, rodeado de tabus, e, claramente, não reconhecido como gênero



passível de estudo pelos historiadores, sociólogos e comunicólogos; até que, em agosto de 1972, “Garganta Profunda” chega às salas dos cinemas americanos, apenas alguns anos antes do fenômeno da tecnologia *Video Home System* invadir as residências. Apesar das muitas perseguições da sociedade civil, da religião e do Estado, as salas de cinema ficaram lotadas.

Na década de 80 do século XX, os filmes difundiram-se nas residências em fitas VHS, apesar das muitas leis antipornografia em países como Estados Unidos e Canadá, por exemplo, quererem breçar o crescimento desse mercado, seja pela preservação da “moral e bons costumes”, seja pelo posicionamento de alguns grupos feministas que consideravam a pornografia humilhante para as mulheres.

Ocorre que a industrialização se expandiu de tal forma ao longo do século 20 que, ao invés de limitar-se à sua função instrumental de permitir a produção e a circulação em larga escala dos produtos, levando-os ao grande público, sua lógica de produção passou a dominar a produção da cultura. (ARAÚJO, 2010, p. 128)

Então, com a popularização das fitas VHS, o consumo do filme pornográfico foi modificado e não parou de sofrer modificações; neste sentido, a popularização de câmeras e fitas VHS tornaram comum a produção caseira de *sex tapes*, seja pelo imaginário cultural trazido junto ao sexo ou a de estar em frente à câmera. Sabido é que as duas juntas consolidaram o sexo *homemade* como categoria pornográfica.

[...] o cinema pornô começou a demonstrar uma certa fraqueza devido, principalmente, ao fim da onda de novidade e ao surgimento dos primeiros aparelhos de vídeo-cassete, que colaboraram com o esvaziamento das salas de cinema, criando uma circunstância em que a maioria dos filmes pornográficos são lançados diretamente em vídeo. Assim, o pornô volta a ter um público específico em detrimento dos espectadores “normais”, curiosos no seu apogeu. (NUNES, 2011, p. 07)

Mesmo antes da diminuição do consumo pornográfico a partir da fita VHS, a televisão passou a reproduzir material pornográfico. O motivo: com a ampliação do mercado pornográfico obviamente não reconhecido como gênero e passível de degradação, continuou também a estigmatização de ambientes. Assim, salas de projeção de vídeos pornográficos não adquiriram, mas mantiveram o caráter degradante; nas locadoras de filmes, os vídeos pornográficos eram escondidos, privado dos olhos dos outros, distribuídos em uma salinha privada, cobertos por algum tecido ou em algum outro lugar longe dos olhos das crianças e de testemunhas mais conservadoras.

Os novos mercados televisivos foram igualmente pressionados por esta reconfiguração das lógicas de consumo, não só passando a difundir programações específicas “para adultos” (primeiro por satélite e depois por cabo), mas também desenvolvendo esquemas



mais interativos de consumo, designadamente o *video-on-demand*. [...] A proteção da privacidade parece-nos aqui uma retórica profundamente comercial, distante de qualquer libertadora transformação da intimidade que não seja a liberdade de compulsivamente consumirmos o que nos é dado a escolher. Não será por acaso que a indústria pornográfica tem sobremaneira proliferado através de domesticadas tecnologias informáticas de difusão, muitas vezes aliadas a produções *home-made*. (PINTO, NOGUEIRA e OLIVEIRA, 2010, p.375)

Atualmente com a internet e a maior expansão da distribuição e consumo dos media, apesar de não ter como se precisar em números, principalmente nas duas últimas décadas, profundas mudanças ocorreram nos cenários de desenvolvimento da pornografia.

Tendo sido reconfigurada a lógica de produção, foi também reconfigurada sua lógica de consumo. Assim, em tempos de internet, nota-se a participação de quem antes era apenas espectador da grandiosa indústria pornográfica: o consumidor.

É neste cenário que se pretende analisar a plataforma online chamada *cams2free.com*. O propósito do website é hospedar diversas contas de inúmeros usuários espalhados pelo mundo que, ao ligar a câmera, conectam-se a outros muitos que estão a observá-los. Masturbação; sexo heterossexual, bissexual e homossexual; dos gêneros cissexual e transexual. A plataforma se intitula gratuita e aberta apesar de haver uma parte privada e paga chamada *Spy on Cams*. Além disso, pode-se espiar câmeras por idade, região ou status.

Discute-se a plataforma a partir de textos dos estudos de cibercultura. Foca-se o desenvolvimento da pornografia a partir da alta inclusão digital e as novas formas de consumo implicadas.

## **O QUE O SEXO TEM A VER COM A COMUNICAÇÃO E SUAS ESTÉTICAS**

Assim sendo, a pornografia, a partir do desenvolvimento do cinema e do uso da imagem com o acesso a outras tecnologias digitais, passa a atingir as massas, logo após a popularização das fitas VHS e da programação da TV aberta contemplar a população adulta com a pornografia. Com o surgimento da internet e a alta inclusão digital, esta passa a chegar a diversas classes sociais e faixas etárias, “[...] as ofertas visuais com conteúdo sexual são generosas e chegam a todos [...] com considerável facilidade [...] não se constrange por tratá-lo apenas como mais um mote lucrativo” (Silveira e Corrêa, 2013, p. 3). Sem necessário controle por parte dos parentes responsáveis, essas imagens,



repletas de símbolos, chegam aos mais jovens e constroem neles, então, um sentido de sexo que logo poderá ser praticado por eles.

Para elucidar esta questão, deve-se citar o legado dos estudos culturais. A partir do momento em que se passa a estudar a comunicação e o receptor de forma a não entendê-lo como passivo, sempre a espera do emissor e a ele completamente entregue, começa-se a entender outras formas de recepção, outras formas de entender e estudar a apropriação do conteúdo midiático. São os estudos culturais que, a partir da década de 1970 do século passado, clareiam as questões da recepção.

Esse campo amplia o entendimento marxista, que embasou a teoria crítica, por não deduzir o comportamento do receptor exclusivamente das ações vinculadas à esfera econômica; amplia o entendimento funcionalista, herdeiro do positivismo, por romper com a ideia de automatismo e por aderir ao uso maciço de metodologias qualitativas; amplia, por fim, o entendimento *condutista*, presente tanto na pesquisa crítica quanto na administrativa, por não ver o receptor como uma instância vazia a espera de uma manifestação determinante do emissor, mas como um sujeito criativo e culturalmente inserido. (KNEWITZ, 2009, p.2)

Neste caso, há de se considerar a particularidade do consumidor em questão: nem todo tipo de sexo visto será de fato praticado; há o querer, o tesão, a personalidade do receptor/consumidor deste produto influenciando no modo que ele enxerga o sexo veiculado, indo em oposição à concepções que determinavam que todos os não-emissores estão sujeitos a responder e apoderar-se da mensagem da mesma forma. Há que se diferenciar as recepções entre “[...] Uma recepção passiva, que sofre a mensagem, e uma recepção ativa, que procura no livro ou no filme um convite à reflexão” (Lopes, 2002, p. 4). “[...] A concepção de receptor foi tomando várias formas: o receptor-manipulado, o receptor-persuadido, o receptor-influenciado, o receptor-consumidor, o receptor interpretativo, entre outras possíveis denominações” (KNEWITZ, 2009, p.1).

A partir da revolução digital, há o desenvolvimento da cultura participativa. De acordo com Burgess e Green (2009, p.28) a cultura participativa “[...] é um termo geralmente usado para descrever a aparente ligação entre tecnologias digitais mais acessíveis, conteúdo gerado por usuários e algum tipo de alteração nas relações de poder entre os segmentos de mercado da mídia e seus consumidores [...]”. Segundo Jenkins (2006a, p. 290), citado por Green e Burgess (2009), “os fãs e outros consumidores são convidados a participar ativamente da criação e circulação do novo conteúdo”. Neste sentido, o receptor se torna também um produtor de sentido ao consumir tal produto



estético-midiático e, além disso, um participante da criação de tal produto e de sua significação e resignificação, o que o torna um coautor.

### **CAMS2FREE.COM: COAUTORIA NO SEXO PORNOGRÁFICO NA WEB**

A plataforma digital *cams2free.com* é uma plataforma aberta e gratuita que disponibiliza “câmeras de sexo” no espaço chamado *featured*, onde todos os vídeos *online* de exibicionistas se encontram distribuídos. Quando se quer uma câmera em específico, procura-se pelas categorias dispostas, que são: *couple*; *female*; *male*; *transsexual*; *spy on cams*. Pode-se ‘espionar’ câmeras dos exibicionistas por idade, região e status. Há ainda a opção *private shows*: trata-se de uma seção em que a câmera de quem assiste também é conectada, e onde, geralmente, os componentes se masturbam até atingirem o orgasmo, usando acessórios eróticos ou não.

Para assistir, não é necessário criar uma conta. Porém, se o espectador quiser interagir pelo chat (*chaturbate*), ele deverá criar uma conta, informando apenas um nome de usuário, senha, gênero – quando casais, deve-se declarar como *couples*, idade (declara-se o aniversário; se for maior de 18 anos, que determina a maioridade na maioria dos países, o usuário tem o login aceito) e ler e aceitar os “termos e condições de uso”.

Todas as câmeras são acessadas gratuitamente, menos os *Group shows*, que são disponibilizados com a seguinte mensagem: “*Group cams offer hardcore action for a fraction of the price! Enjoy directing the show with a select group of others in your own secure room*”. Neste, os espectadores devem pagar gorjetas aos exibicionistas. A transa começa quando se atinge a marca determinada de gorjetas.

Para mandar as gorjetas caso esteja gostando do show ou ter maior atenção do exibicionista, como poder pedir que ele faça algo que gostaria de ver, clica-se em *send tip*. Primeiro, deve-se cadastrar o cartão de crédito ou escolher outra forma de pagamento.

Todos os usuários entram com o status de *basic member*, e caso queiram atualizar seu status para ter acesso a uma *interface* mais limpa, acesso à tela cheia, chat customizado e com opções de cores para a fonte, e para estar apto a enviar mensagens privadas aos exibicionistas, devem fazer a assinatura por \$19.95 por mês, fora os *tokens*, que são comprados em pacotes de até 500 *tokens*.

Alguns vídeos são produzidos com câmeras de tecnologia *high definition*. Por localização geográfica, pode-se pesquisar modelos na América do Norte, América do



Sul, Filipinas, Ásia e também a opção *others*. Além disso, pode-se filtrar as buscas para priorizar câmeras HD.

Para se exibir frente à câmera, em que se será assistido por pessoas do mundo inteiro, há a opção *broadcast yourself*, em que se produz o próprio vídeo. Deve-se apenas aceitar um termo de políticas e condições do site, que são específicas: deve-se ter atingido a maioria exigida no país de residência; nenhum menor de idade pode ser transmitido sozinho ou em conjunto, tendo relações sexuais ou não; e que o usuário do *chaturbate* irá informar por e-mail ao suporte caso um menor de idade seja flagrado usando o serviço. Por fim, deve-se configurar a câmera e o microfone para que fique hábil a começar a exibição. O microfone do exibicionista fica ligado, mas não os microfones dos outros usuários; a transmissão de áudio e vídeo se utiliza da tecnologia *streaming media*.

Ao lado da opção *broadcast yourself*, há o setor *my collection*, em que se pode salvar os vídeos feitos no *private show* ou qualquer foto ou vídeo de outro usuário quando se paga gorjetas para assisti-lo.

No chat há as informações de quantos *tokens* foram enviados ao exibicionista; quando se atinge uma determinada marca de gorjetas, pode-se pedir ao exibicionista que mostre algo, ou vire-se de um jeito que possa ver melhor alguma parte do corpo, por exemplo; ou mais: quando há mais de um participante ou uso de brinquedos eróticos, pode-se pedir que o exibicionista introduza ou faça algo com tal. As informações sobre quantas gorjetas são necessárias e qual foi o último usuário a enviar gorjetas fica logo abaixo da tela.

Abaixo do espaço do chat, ficam as opções de seguir algum usuário para receber as suas notificações quando estiver *offline* e de compartilhar a biografia do exibicionista que se está assistindo no twitter ou Google+. Na biografia do exibicionista, há dados pessoais como o nome real, aniversário, idade, língua, quantos usuários o seguem, se fuma ou bebe, fotos e vídeos, dentre outros dados.

No chat, há a possibilidade de se conversar, em tempo real, com o exibicionista. Nesse caso, em especial, há algumas regras quanto à utilização do chat: “*Rules: No spamming. Do not insist the cam hosts to do as you please. Do not announce other rooms or websites that would conflict with this room. Avoid any argumentative and/or rude posts related to the cam viewing. Do not attempt to post your e-mail address in the public chat. To go to next room, press CTRL+/. To send a tip, press CTRL+S or type "/tip 25". To disable emoticons, click the 'Gear' tab above.*”. Caso o exibicionista ou



algum moderador julgue alguma mensagem ofensiva, o usuário pode ser bloqueado. Além disso, o usuário também pode denunciar abuso caso o gênero do exibicionista seja diferente do qual ele afirmou em sua biografia; caso o exibicionista seja menor de idade; ou caso um vídeo esteja sendo exibido, não uma performance em tempo real. Logo acima, no canto direito da página, há a opção *next cam* para trocar de sala.



Figura 1 Blazefyre's cam - mulher que afirmava em sua biografia ter 19 anos - esperando por mais gorjetas para começar o show

Para entender os fenômenos mais recentes do mundo pornográfico, precisa-se primeiro entender um pouco de sua totalidade.

A partir da revolução gerada pelo desenvolvimento da internet, a alta inclusão digital e a privacidade que ela trazia junto a si, subgêneros pornográficos além da pornografia *mainstream* passaram a se desenvolver e ganhar consumidores. De acordo com Pinto, Nogueira e Oliveira (2010, p. 374)

A *World Wide Web* conferiu visibilidade e acessibilidade àquela indústria, que pôde assim reinventar-se em subgêneros alternativos de produção independente, ou mesmo amadora. Em bastantes casos, as novas pornografias passaram a desafiar os imperativos estéticos mais comerciais, subvertendo ao mesmo tempo as ideologias centralizadoras do capitalismo. [...] A Internet, enquanto mecanismo progenitor da nova era pornográfica, também provocou consideráveis transformações nos seus modos de distribuição e recepção, permitindo o total anonimato dos seus consumidores, assim resguardados dos constrangimentos do espaço público.

O mercado pornográfico, então, cresceu e se relativizou. Não só de revistas pornográficas e vídeos, mas, então, de produtos eróticos, acessórios sexuais. Esta indústria cresceu em grande parte do mundo, com exceção de alguns países conservadores. E, apesar de os Estados Unidos serem uma potência conservadora, é em Hollywood que esta fixada a maior indústria pornográfica do globo. É lá que mais se produz pornografia.

A cada ano, nos Estados Unidos, Hollywood produz cerca de 400 filmes, enquanto a indústria pornográfica põe no mercado entre 10 e 11 mil títulos. Os rendimentos obtidos com a pornografia no país –



onde se incluem revistas, sites, televisão a cabo e brinquedos sexuais – são superiores aos gerados pelas indústrias do futebol, do baseball e do basquete juntas. (BENÍTEZ, 2009, p. 11).

Apesar do Brasil não ter um mercado pornográfico tão grande, a sociedade brasileira é uma grande consumidora de pornografia. Dos homens e mulheres mais novos aos mais velhos (apesar de haver restrições culturais ao consumo), a grande maioria de nós já consumiu um produto pornográfico, independente, neste caso em específico, de através de quais suportes os consumiu: a partir da convergência midiática, dos celulares, por exemplo, nas mídias móveis ou vídeos na internet de sexo real ou vídeos de animes.

A internet mudou (mais uma vez) a indústria do cinema sexual. E também a forma como os vídeos são distribuídos. Plataformas como *xvideos*, *redtube* e  *xnxx* disponibilizam vídeos tanto da indústria pornográfica *mainstream* como pornô caseiros, até flagras de câmeras escondidas. Cams2free.com não. Todos os exibicionistas sabem que a câmera está lá e interagem com quem assiste.

Continua sendo um desafio, no entanto, para os pesquisadores de consumo cultural em tempos de convergência o real significado de uma plataforma aberta, gratuita e interativa; pode-se observar e interagir com os exibicionistas mesmo sem enviar gorjetas (que podem ser centavos ou dólares, preço que fica a cargo de quem assiste). Isso desemboca na questão da compreensão dos processos comunicacionais na internet. Dessa forma, qualquer pessoa, pagando ou não – apesar de os exibicionistas darem maior atenção aos pedidos de usuários pagantes – faz desenvolver a comunicação interativa. “[...] A Internet como ambiente midiático que possibilita, entre outras inúmeras ocorrências, a expressão de pessoas comuns, fazendo submergir uma imensurável rede subterrânea de trocas comunicacionais de visibilidade pública.” (BRETAS, 2010, p. 287).

Imagine o *voyeur* como diretor de um filme caseiro. Imagine que com poucas moedas (os *tokens* têm o valor de moedas, poucos centavos) pode-se dirigir um filme caseiro; dominar o corpo alheio como se o corpo passasse de um dono a outro, dependendo de quem paga mais. Sexo vaginal, oral, anal, masturbação, tapas, introdução de alguns objetos, olhares, palavrões. Um sexo interativo, envolvendo muitas pessoas, uma orgia cibernética.

Mas é cedo, muito cedo, para se afirmar que plataformas usadas por exibicionistas constituem o fim da pornografia *mainstream* e que de alguma forma ocorrerá uma vitória do pornô caseiro e da interatividade sobre a pornografia produzida



e encenada. É o que também ocorreu quando surgiu a televisão, por exemplo, que para alguns significava o fim do império radiofônico. Ou quando achavam que a arte perderia o valor imensurável da pintura, pois esta seria substituída pela fotografia. Um meio, não necessariamente, exclui o outro, mas o adapta ou o engloba usando o como novo conteúdo de tal meio. Porém, talvez, quanto mais alto for o índice de inclusão digital, mais usuários cheguem à plataforma; o que não quer dizer que consumir este tipo de sexo o fará parar de consumir a pornografia *mainstream* ou outros subgêneros. “As facilidades de publicação de conteúdos em várias linguagens são consequências do modelo de comunicação ‘muitos para muitos’ permitida pela tecnologia, diferente da produção oligopolizada dos meios tradicionais [...] no modo ‘um para muitos’.” (BRETAS, 2010, p. 285).

Há imaginário na pornografia. Há preservação, manutenção de imaginários sexuais já conhecidos, tanto dos padrões de beleza exigidos mais fortemente às mulheres, a forma como se aprendeu anteriormente na mesma pornografia *mainstream* a fazer sexo: é normal que se queira continuar a ver o mesmo tipo de sexo, o encenado, o que foge à realidade, os roteiros inusitados, o retardamento do orgasmo masculino e as ejaculações femininas, por exemplo. Walter Benjamin, no clássico “A Obra de Arte na Era de sua reprodutibilidade técnica” (1982), faz uma crítica ao cinema da época que pode, ainda hoje, ser usada. Quase um século depois, seu trabalho no estudo das estéticas da comunicação continua atual; a crítica feita ao cinema, como não poderia deixar de ser, cabe então à pornografia.

O ator cinematográfico é apenas guiado por seu diretor, em frente a uma aparelhagem. [...] todo espectador é um pouco especialista. Esta forma de recepção mediante o divertimento, cada vez mais evidente hoje em todos os domínios da arte [...] encontrou no cinema seu melhor campo de experiência. (BENJAMIN, 1982, p. 238)

Uma plataforma em que se sabe que aqueles exibicionistas são tão normais como qualquer outro humano e que estão tendo relações sexuais em seus quartos, quartos comuns, não cenários de super produções cinematográficas. Essa sensação do real, do comum, pode levar o consumidor a não frequentar qualquer outra plataforma com vídeos já gravados e disponibilizados. Porém, o ao vivo é o que chama a atenção dos consumidores: poder enviar perguntas ou pedir que o exibicionista se posicione de certa forma; ouvir a resposta de algum de seus pedidos ou ter o pedido aceito; o agradecimento pelas gorjetas enviadas; poder ficar *offline* e ir se encontrar virtualmente com algum outro exibicionista que queira fazer um show privado. É o poder da



interatividade, da coautoria, da web 2.0 em tornar quem antes era receptor, um coautor, um participante das interações telemáticas, em oposição às tradicionais corporações da comunicação.

Desse modo, as pessoas comuns que participam da produção comunicativa veiculada em vários ambientes da web utilizam recursos expressivos para produzir efeitos sobre o outro; além disso, expandem e alocam novas conformações para o eu, sempre em modelação, o que acentua a direção pragmática desses fazeres ou obras na ligação da vida virtual com a real, constituindo uma só vida. Os dispositivos telemáticos possibilitam que atores e plateia ocupem novos lugares nas cenas, transformando-os em interatores. (BRETAS, 2010, p. 279-280)

Tornar-se um coautor de determinada plataforma implica em seguir normas, como dito alguns parágrafos atrás. Os usuários que não seguem as normas (dentre elas as mais comuns: não chamar a exibicionista de “puta” ou insistir em pedir algo que os exibicionistas não queiram fazer) são silenciados durante a conversação no chat. Sobre isso, Bretas (2010, p. 283) afirma

Somos cooperativos ao participar das conversações; essa é uma condição ética que norteia as relações estéticas dos membros de uma comunidade. Porém, não se trata de um gesto de benevolência desinteressada; ao contrário, é uma questão de sobrevivência para conseguirmos estabelecer a convivência com o outro.

Ou seja, seguir as regras de tal comunidade é uma questão de sobrevivência enquanto ser social daquele grupo e uma questão de convivência para se alcançar o objetivo que mantém tal membro em tal comunidade. Neste caso, o objetivo é assistir e participar, mesmo que virtualmente, daquela relação sexual ou masturbação.

Alguns desses vídeos podem acabar sendo upados por algum usuário em sites que disponibilizam material pornográfico. Essa é uma questão da vida virtual que com a tecnologia pode vir a afetar a vida real, a partir do momento em que se supõe que essas plataformas são destinadas a alocar vários tipos de matérias pornográficas, “[...] queremos destacar que essas vidas virtuais e em presença se afetam mutuamente.” (BRETAS, 2010, p. 286). Se isto virá, de fato, a prejudicar a vida social do exibicionista, não se sabe, pois não há como saber em qual tipo de espaço social o exibicionista está inserido.

## REFERÊNCIAS



ARAÚJO, Bráulio Santos Rabelo de. O conceito de aura, de Walter Benjamin, e a indústria cultural. Pós, v. 17, n. 28, p.120-143. 2010. Disponível em <<http://revistas.usp.br/posfau/article/view/43704/47326>> Acesso em: 21 de abril de 2013.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: Lima, Luiz Costa. (org.). **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. pp. 207 a 240. Disponível em <[http://www.deboraludwig.com.br/arquivos/benjamin\\_reprodutibilidade\\_tecnica.pdf](http://www.deboraludwig.com.br/arquivos/benjamin_reprodutibilidade_tecnica.pdf)> Acesso em: 20 de abril de 2013.

BRETAS, M. B. Poiesis nas redes telemáticas: fabricações midiáticas de pessoas comuns. In: GUIMARÃES, César; LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos. Entre o sensível e a Comunicação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 277-291.

BURGESS, Jean; GREEN, Josh. **YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. Tradução: Ricardo Giasseti. São Paulo: Aleph, 2009. Disponível em <[http://www.editoraaleph.com.br/site/media/catalog/product/f/i/file\\_32.pdf](http://www.editoraaleph.com.br/site/media/catalog/product/f/i/file_32.pdf)> Acesso em: 19 de abril de 2013.

DIAZ BENITEZ, María Elvira. **Nas Redes do sexo: bastidores e cenários do pornô brasileiro**. Tese de doutorado em antropologia social defendida no PPGAS, Museu Nacional, UFRJ. 2009. Disponível em <[http://img.travessa.com.br/capitulo/JORGE\\_ZAHAR/NAS\\_REDES\\_DO\\_SEXO\\_OS\\_BASTIDORES\\_DO\\_PORNO\\_BRASILEIRO-9788537802571.pdf](http://img.travessa.com.br/capitulo/JORGE_ZAHAR/NAS_REDES_DO_SEXO_OS_BASTIDORES_DO_PORNO_BRASILEIRO-9788537802571.pdf)> Acesso em: 18 de abril de 2013.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I – a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1980. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/23270853/Historia-da-Sexualidade-I-A-VONTADE-DE-SABER>> Acesso em: 17 de abril de 2013.

KNEWITZ, Anna Paula. Estudos culturais e cibercultura: um entrelaçamento teórico-metodológico necessário para pensar a recepção na web. In: **Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Recepção, Usos e Consumo Midiáticos”**, do XVIII Encontro da Compós, na PUC-MG, Belo Horizonte, MG, em junho de 2009. Disponível em <[http://www.4shared.com/office/6LH\\_2Fcm/KNEWITZ\\_ESTUDOS\\_CULTURAIS\\_E\\_CI.html?](http://www.4shared.com/office/6LH_2Fcm/KNEWITZ_ESTUDOS_CULTURAIS_E_CI.html?)> Acesso em: 10 de abril de 2013.

LOPES, Anabela de Sousa. O papel da técnica na recepção estética. Escola Superior de Comunicação Social. Lisboa, 2002. Disponível em <[http://www.4shared.com/office/BChlbjzB/Lopes\\_Anabela\\_de\\_Souza\\_O\\_pape.html?](http://www.4shared.com/office/BChlbjzB/Lopes_Anabela_de_Souza_O_pape.html?)> Acesso em: 19 de abril de 2013.

NUNES, Ébano. Pornô: contra-análise social e a era de ouro do obsceno filmado. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, SP, julho de 2011. Disponível em <



[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300927015\\_ARQUIVO\\_NUNES,Ebano.Porno-contra-analisesocialeaeradeourodoobscenofilmado.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300927015_ARQUIVO_NUNES,Ebano.Porno-contra-analisesocialeaeradeourodoobscenofilmado.pdf) > Acesso em: 25 de abril de 2013.

PINTO, Pedro; NOGUEIRA, Conceição; OLIVEIRA, João M. 2010. Debates feministas sobre pornografia heteronormativa: estéticas e ideologias da sexualização, **Psicologia - Reflexão e Crítica** 23, 2: 374 - 383. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722010000200020&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722010000200020&script=sci_arttext)> Acesso em: 15 de abril de 2013.

SILVEIRA, Juzélia de Moraes; CORRÊA, Ayrton Dutra. O estudo da cultura sexual como uma possibilidade e um compromisso para o ensino da arte. Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em <[http://aaesc.udesc.br/confaeb/comunicacoes/juzelia\\_moraes.pdf](http://aaesc.udesc.br/confaeb/comunicacoes/juzelia_moraes.pdf)> Acesso em: 20 de abril de 2013.

WINCKLER, Carlos Roberto. **Pornografia e sexualidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. Disponível em <[http://books.google.com.br/books/about/Pornografia\\_e\\_sexualidade\\_no\\_Brasil.html?id=uf5GAAAYAAJ&redir\\_esc=y](http://books.google.com.br/books/about/Pornografia_e_sexualidade_no_Brasil.html?id=uf5GAAAYAAJ&redir_esc=y)> Acesso em: 10 de abril de 2013.